

Leitura: importância e possibilidades

Reading: importance and possibilities

Cleide Pereira Gomes

Licenciatura em Letras (Português/Inglês); Pós-graduação –
Especialização: Metodologia do Ensino, Metodologia do Ensino
Superior e Informática na Educação; Mestrado em Ciências da
Educação/UTCD; SEMED. E-mail: cleidepg@gmail.com

RESUMO

Neste trabalho, buscou-se verificar a proficiência dos alunos em leitura bem como a sua importância para a construção do conhecimento. A investigação foi realizada por meio de questionário, com uma amostra de 30 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal de Campo Grande-MS e seus respectivos professores, referente às oito áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar. A análise qualitativa mostra que tanto os alunos quanto os professores consideram importante a leitura para a construção dos saberes. No entanto, percebem-se contradições nas afirmações e na prática educativa dos professores. Tendo em vista a importância do ato de ler para a emancipação do indivíduo, é fundamental que os professores, de todas as áreas do conhecimento, tenham consciência de que para conseguirem alunos com proficiência em leitura, precisam desenvolver essa habilidade por meio de uma prática constante, que visa à formação de um leitor competente.

PALAVRAS-CHAVE

leitura
conhecimento
aprendizagem

ABSTRACT

In this text writing work, the objective it's to check the level of knowledge of the students on the reading, as well the it importance to the construction of knowledge. The investigation was made through questionnaire with a sample of thirty students of the sixth grade of the Fundamental Teaching of a Municipal School in Campo Grande, city in Mato Grosso do Sul and its respective teachers reference the eight areas of the knowledge what it consists the school curriculum. The qualityly analysis shows who, as students as the teachers consider important the reading to the construction the knowledge. However, it realizes contradiction in the statements and in the educational practice of the teachers. Therefore, the importance of the act to read for the become independent people, it's fundamental who the teachers of all the areas of the knowledge, that have conscience if it get students with good level in reading, it's necessary to develop this skill through the constant practice, what objectives the formation competent reader.

KEY WORDS

reading
knowledge
learn

INTRODUÇÃO

O processo de aprendizagem do conhecimento cientificamente construído e socialmente existente inicia-se, geralmente, por meio da leitura, sendo a instituição educacional a maior responsável pela proficiência em leitura. Porém, nem sempre, a instituição cumpre sua função primordial que é fazer com que os alunos tenham a ferramenta essencial para que possam aprender (SILVA, 1991; KLEIMAN, 1993).

Desse modo, entre as várias deficiências já diagnosticadas sobressai um item de elevada importância para que o aluno possa aprender tanto a língua portuguesa como outras áreas do conhecimento, trata-se da leitura, fator preponderante para o aprendizado, que propicia ao ser humano desinibição, criatividade, compreensão global de textos em suas produções orais e/ou escritas, bem como o interesse pelos livros, culminando com a mudança em seu próprio comportamento. Dessa forma, no meio educacional, passa-se a analisar a leitura sob uma nova ótica, enfatizando o uso social da língua, em que a escola é a instituição responsável para desenvolver a habilidade leitora (KLEIMAN, 1991; BRASIL, 1998).

Nesse sentido, a leitura tem sido um problema para a maioria dos alunos por falta de um trabalho efetivo de alguns professores que não têm clara a necessidade de trabalhar a leitura em suas três dimensões, tais como o dever, a necessidade e o prazer de ler. É necessário enfatizar que o hábito da leitura é fator essencial uma vez que ela oferece inúmeras possibilidades, além de servir para a construção do conhecimento do indivíduo, porque pode ser usada tanto como fonte de prazer e de alegria quanto de conhecimento, e é forma de exercer, dignamente, a cidadania (FREIRE, 1983).

Há uma preocupação acentuada de estudiosos, pesquisadores e profissionais da educação em relação à leitura e sua importância para o indivíduo, para a sociedade e conseqüentemente para o país. Nesse sentido, todos têm direito à leitura e, para que esse direito seja exercido é necessário que se amplie a noção do que é ler e do que é leitura, tanto nas instituições educacionais como na sociedade em geral. A concepção equivocada de leitura, a de ler por ler sem entender, não aciona os conhecimentos prévios, não favorece nem

promove a aprendizagem e não faz progredir. Esvazia-se o sentido de grande parte do trabalho de alguns professores e das discussões que se promovem com a intenção de encontrar maneiras de aproximar o indivíduo dos livros.

Nesse sentido, a maior dificuldade encontrada no meio escolar é no que se refere à competência discursiva. Sendo assim, a leitura é como um passaporte para adentrar ao mundo letrado, para ter acesso ao conhecimento historicamente construído e socialmente existente. Em uma sociedade letrada, marcada pelas desigualdades sociais, a leitura é uma das maneiras de se defender, de se afirmar, de se impor, de participar, de se libertar, é forma de exercer, dignamente, a cidadania.

A partir dessas constatações, essa pesquisa tem como objetivo verificar a proficiência em leitura dos alunos, identificando suas concepções de leitura, se possuem gosto e hábito de ler, bem como sua importância e possibilidades para a construção do conhecimento do indivíduo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse trabalho de investigação foi realizado em uma única etapa por meio de questionário, com questões abertas e fechadas, a partir de uma amostra de trinta alunos do sexto ano (em 2006, era denominado 5ª série A) de uma escola da Rede Municipal de Ensino (REME), em Campo Grande/MS e com seus respectivos professores, das oito áreas do conhecimento que compõem o currículo escolar, totalizando trinta e oito participantes.

Optou-se pelo questionário por ser esse o instrumento de coleta de dados mais adequado para essa pesquisa. As perguntas foram elaboradas para comparar as respostas dos alunos com as dos professores, sendo que algumas questões eram iguais e outras diferentes, com o propósito de constatar se havia consonância entre os dados. Das nove questões existentes, seis eram as mesmas tanto para os professores quanto para os alunos e três eram diferentes para ambos, procedeu-se assim, com a intenção de confrontar as respostas deles a fim de verificar se havia relação entre o que os professores afirmaram teoricamente

com o seu fazer pedagógico no que se refere à leitura, constar se a teoria estava associada à prática.

A escola da REME (Rede Municipal de Ensino) está situada na área central da cidade, atendendo um público de trezentos e oitenta e dois alunos de 1^o (primeiro) ao 9^o (nono) ano, com média de trinta alunos por sala. A faixa etária deles varia entre dez e quatorze anos de idade, com situação socioeconômica-cultural baixa e média, sendo que poucos pertencem à comunidade: a maioria mora em bairros diferentes, distantes da escola. São filhos de assalariados e não assalariados, sendo os primeiros, filhos de doméstica, secretária, diarista (faxineira, lavadeira, passadeira) mototaxista, guarda-noturno, pintor de casa, encanador, mecânico de automóvel; os segundos são filhos de professor, funcionários público e privado e pequenos empresários.

Para efetivação dessa pesquisa, contou-se com a colaboração da equipe técnica da escola (direção escolar, supervisora escolar e orientação educacional), professores e alunos.

Dessa forma, com a intenção de buscar respostas que permitissem compreender, esclarecer e fundamentar o problema em questão, recorreu-se a diversos autores e por meio de suas teorias e por estudos já realizados sobre o tema, deu-se, assim, o embasamento teórico às discussões existentes nessa pesquisa. Cabe ressaltar, que nessa, pesquisa não há um determinado momento só para a teoria, essa fundamentação teórica acontece concomitante à análise dos resultados com as devidas discussões, na qual procurou limitar aos tópicos considerados profícuos à contextualização teórica do trabalho, tais como: concepção de leitura, importância da leitura, gosto e hábito, local onde se lê, como é vista (perda de tempo ou não), como proceder para desenvolver a habilidade de leitura e acréscimo de alguns fatores no que tange à leitura.

Os autores que fundamentaram essa pesquisa são os seguintes: Silva (1991), “faz-se necessário refletir sobre o fazer pedagógico, sobre as condições reais dos educadores para desenvolver a habilidade de leitura nos educandos”; Freire (1993), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”; Kleiman (1993), “formação precária

de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler”; Brasil(1998), “A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a linguagem etc.”; Geraldi (1998), “o produto do trabalho de produção se oferece ao leitor e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico”; Solé (1998), “não têm biblioteca, ou, quando a têm, mitificam o livro, circundando de recomendações e cuidados o seu uso” e Vasconcelos (2005), “Apropriar-se da escrita implica estar apto a envolver-se em práticas de leitura e escrita, nas diferentes instâncias sociais de maneira competente. De fato, essa competência linguística deve ser aprimorada na escola”.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

É interessante, em princípio, informar que, ao comparar as respostas dos alunos com as dos professores, dadas às questões abertas e fechadas ao responderem o questionário aplicado, constatou-se que houve algumas afirmações equivalentes e outras contraditórias, o que contribuiu para que se identificasse a real situação em relação à importância e possibilidades da leitura para a construção do conhecimento do indivíduo. No decorrer das discussões serão comparadas as respostas a fim de perceber a veracidade das respostas e obter, assim, um diagnóstico da realidade no que se refere à competência leitora dos alunos.

LOCAL ONDE SE LÊ

Ao serem questionados se liam na escola, quase a metade dos alunos, 40%, responderam quase sempre; 27% sempre; 20% às vezes e 13% quase sempre. A maioria dos professores, 87%, assinalou que sempre e 13% quase sempre. Percebe-se, pelas respostas dos alunos, que a prática de leitura não ocorre em sala de aula, uma vez que grandes parcelas de alunos não lêem na escola. Existe uma queixa, muito comum, entre a maioria dos professores, principalmente os de Língua Portuguesa: a de que os alunos não gostam de ler. Por que será que eles não gostam de

ler? Será que seus professores gostam de ler? É preciso lembrar que o professor para o aluno é como se fosse um espelho, quase sempre, reflete o que o professor é ou gosta. Será que estes alunos são motivados ou incentivados a lerem? Este fato pode ser confirmado em Kleiman (1993), quando escreve:

“Os meus alunos não gostam de ler” é, sem dúvida, a queixa mais comumente ouvida entre professores... Por que essa realidade? ... Referimo-nos, por exemplo, ao lugar cada vez menor que a leitura tem no cotidiano do brasileiro, à pobreza no seu ambiente de letramento (o material escrito com o qual ele entra em contato, tanto dentro como fora da escola), ou ainda, à própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler. (KLEIMAN, 1993, p.15).

É importante que o aluno tenha acesso a um material para leitura adequado, uma vez que a leitura se desenvolve por meio da própria leitura. Dessa forma, o leitor estará sempre em contínua formação. O indivíduo leitor deve ser capaz de interagir com o mundo por meio da leitura.

Percebe-se que na escola não há uma prática educativa que fomente a leitura, ela ocorre por meio do livro didático, utilizando textos descontextualizados, quando o ideal é que se faça uso dos textos que circulam socialmente e da literatura com temas interessantes e atrativos para os alunos. Desse modo, conforme Brasil (1998), o livro didático e o livro literário não são materiais suficientes para o desenvolvimento das habilidades de um leitor autônomo, dinâmico e criativo. O educador, dessa forma, precisa levar textos de diferentes gêneros para a sala de aula, textos que circulam na sociedade, com diversas construções discursivas, para que os alunos se apropriem desses modelos com a finalidade de ampliarem suas possibilidades comunicativas.

Uma prática constante de leitura na escola deve admitir diversas leituras, porque outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado é construído pelo esforço de interpretação de cada leitor, a partir não só do que está escrito, porém, do conhecimento que traz para o texto.

Para a autora Solé (1998), o problema do ensino da leitura na escola não é apenas uma questão de método; porém, de conceitualização do que é leitura, das formas como se avaliam, do local que ocupa nos planos de ensino, dos recursos que são oferecidos para promover e desenvolver a habilidade de leitura e das propostas metodológicas. A autora faz uma crítica quanto à prática, que é frequente, da atividade de leitura na sala de aula, conforme constado em pesquisas, onde a sequência da atividade de leitura consta de: 1) leitura do texto em voz alta, por vários alunos, cada um lendo um parágrafo, ou fragmento, sendo corrigido pelo professor ou pelos outros que acompanham, caso cometa algum erro; 2) respostas ao questionário elaborado pelo professor ou do próprio livro didático; 3) realização de exercícios que abordam questões gramaticais de ortografia, morfologia, sintaxe e, eventualmente, compreensão da leitura.

Ao se referir ao indivíduo leitor, há que se levar em consideração as condições de acesso aos objetos portadores de texto (livros, jornais, revistas entre outros textos escritos), uma vez que esse dado depende da situação sociocultural-econômica dos indivíduos, sendo fator que distingue os educandos dos segmentos privilegiados da sociedade daqueles das classes populares ou desfavorecidos financeiramente, tanto no âmbito da escola como da família, conforme a autora Solé (1995), afirma:

[...] o ensino da leitura para as classes populares não tem levado em conta esse dado cultural; talvez coerentemente com sua função de servir às classes dominantes, as escolas freqüentadas pelas classes populares com freqüência sonegam exatamente a estas o convívio com o livro: não têm biblioteca, ou, quando a têm, mitificam o livro, circundando de recomendações e cuidados o seu uso. Agem assim até mesmo em relação ao livro didático, único livro que, em geral, alunos das classes populares chegam a possuir: com base em frágeis argumentos de natureza econômica, mitifica-se o livro didático, impedindo-se o diálogo com ele, e expropria-se o aluno de sua posse, recomendando-se sua preservação para futuros possuidores. (SOLÉ, 1995, p.50).

No que se refere à leitura na escola, a autora supracitada, faz algumas considerações que são pertinentes acrescentar aqui, tais como:

as condições sociais de acesso à leitura, nesta sociedade capitalista, são diferenciadas. Discriminam-se as camadas populares pelo reforço de sua concepção pragmática da leitura, a que se atribui apenas um 'valor de produtividade', enquanto, para as classes dominantes, ler é proposta de lazer, de enriquecimento cultural e ampliação de horizontes.

Percebe-se que o desenvolvimento da habilidade de leitura está diretamente relacionado com o meio em que o indivíduo está inserido, as condições em que vive, as concepções que eles e os que estão ao seu redor têm em relação à leitura bem como sua importância e possibilidade para a construção do conhecimento do indivíduo.

Sendo assim, para Silva (1991), faz-se necessário refletir sobre o fazer pedagógico, sobre as condições reais dos educadores para desenvolver a habilidade de leitura nos educandos. Os profissionais da educação lutam por melhores condições financeiras e melhores condições de ensino, o que pode resultar numa transformação no ensino da leitura e também apontar para a possibilidade de inúmeras reflexões que visem mudanças tanto no que se refere aos instrumentos e materiais literários como na maneira a ser efetivada a leitura.

IMPORTÂNCIA DA LEITURA

No que se refere à questão sobre a importância da leitura, quase todos os alunos, 90%, afirmaram que sempre é importante; 7% quase sempre e 3% às vezes. A maioria dos professores, 87%, afirmou sempre e 13% quase sempre. Na teoria ficou constatado que a leitura é considerada importante tanto para os alunos quanto para os professores.

A leitura é importante porque em uma sociedade que privilegia a escrita, só pode ter privilégio quem a domina, quem consegue, num confronto com ela, desvendar seus segredos e seus mistérios por meio da competência leitora. A leitura é instrumento de libertação e por meio dela é possível transformar a sociedade e se transformar como ser humano, para melhor. Dessa forma, o autor Silva (1991), afirma que:

Apesar dos argumentos em contrário, estou plenamente convencido de que a leitura é importante instrumento para a libertação do povo brasileiro e para o processo de reconstrução de nossa sociedade. Tal convicção resulta de minhas percepções acerca da evolução histórica da sociedade brasileira, que desemboca, neste agora, em momentos de profundos impasses, claras denúncias e grandes lutas por uma nova ordem social. (SILVA, 1991, p. 11)

Nesse sentido, o texto é a base para qualquer aprendizagem, é a partir dele, levando em consideração gêneros (e seus elementos constitutivos), tema, finalidade e linguagem que se efetiva uma aprendizagem significativa, utilizando-se de diferentes estratégias de leitura de acordo com o objetivo.

Desse modo, é importante que o aluno seja autônomo, capaz de dirigir e regular sua própria aprendizagem, visto que a leitura é uma das ferramentas mais importantes para o ser humano, uma vez que ela possibilita mudanças qualitativas e revolucionárias tanto na história como no pensamento, de maneira que fazem parte da herança cultural que determina o desenvolvimento pessoal e social.

Nessa perspectiva, um fato é certo: a leitura é ferramenta fundamental para a construção do conhecimento do indivíduo, isso ninguém pode negar, o que não se pode aceitar é que tudo continue como está, se queremos cidadãos críticos, criativos, preocupados em transformar o meio no qual estão inseridos em prol de todos, é preciso, portanto, favorecer, oportunizar e possibilitar que todos possam vivenciar tais experiências porque é fazendo que se aprende, é lendo que se aprende a ler e se aprende a aprender.

Nesse sentido, a leitura possibilita o acesso à informação com a finalidade de proporcionar respostas e suscitar perguntas aos aprendizes, configurando uma atividade de suma importância e necessidade na formação, não só do educando, como também de apoio informacional a todas as pessoas. Como afirma Freire (1983), a seguir:

Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do objeto

não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto e feito no sentido de memorizá-la, nem é real leitura nem dela, portanto, resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 1983, p. 18).

Dessa forma, o ato de ler não só desperta no indivíduo o hábito da leitura e o gosto por bons livros, como também, contribui para despertar a valorização exata das coisas, estimular sua curiosidade, desenvolver suas potencialidades, ampliar seus horizontes, inquietar-se por tudo que é novo e, acima de tudo, progredir em quase todos os aspectos da vida.

Constatou-se que, a partir da hipótese de que a falta de leitura dos alunos deve-se ao fato do pouco conhecimento de que a leitura é importante para a construção dos saberes historicamente construídos e socialmente existentes, na escola pesquisada há contradições percebidas ao analisar e comparar as respostas dadas às questões, abertas e fechadas, contidas no questionário aplicado aos alunos e aos professores.

Sabe-se que há vários fatores que interferem no trabalho com o desenvolvimento da habilidade de leitura na escola e até mesmo na formação do professor que, antes mesmo de ser professor de qualquer disciplina, deve ser um professor de leitura, e ciente de que é por meio dela que se constrói o conhecimento do indivíduo. Nessa pesquisa, porém, o mais preocupante está na dissociação da teoria com a prática, evidenciada na população alvo pesquisada. Ficou constatado que, por meio da análise e comparação dos dados coletados nos questionários aplicados tanto aos alunos como aos professores, não há coerência entre o que afirmam e o que ocorre de fato em relação à prática de leitura. Eles afirmam que a leitura é importante, porém, os professores não propiciam ambientes favoráveis para desenvolver a habilidade de leitura, nem possibilitam que esta aconteça na escola, demonstrando, assim que teoria e prática andam dissociadas.

LER É PERDA DE TEMPO

Ao responderem se ler é perda de tempo, a maioria, 90%, dos alunos assinalaram que nunca e 10% às vezes; também, 87% dos professores assinalaram nunca e 13% às vezes. Percebeu-se que existe uma contradição se se comparar as respostas à questão aberta que buscou identificar onde os alunos lêem. Quando questionados quanto ao ambiente preferido para a leitura, a maioria dos alunos afirmou que: “leio sempre e gosto de ler no quarto, deitado, ouvindo música ou TV [televisão]”. Outros, ainda, mencionaram que preferem um ambiente solitário, para que tenham melhor compreensão do texto lido. Isso evidencia que a leitura está acontecendo fora do ambiente escolar.

Nesse sentido, o trabalho de formação de leitor competente é um processo que demanda tempo e envolvimento de todos, educadores e educandos. Assim, a instituição educacional fará com que os educandos percebam que, em seu projeto de educação, a leitura ocupa um lugar essencial para qualquer área do conhecimento. Portanto, a formação do leitor competente deve ser uma preocupação constante, uma vez que os alunos precisam saber que ler é uma atividade fundamental, enriquecedora e é a principal ferramenta para a construção do conhecimento do indivíduo.

O autor Silva (1991), salienta que é de suma importância que todos saibam ler criticamente a sociedade e a literatura que a apresenta. Por meio da produção literária e da apreciação crítica desta é que a cultura passa a ser transmitida e transformada. E, para que isso se efetive realmente, é fundamental que todos os envolvidos no processo educacional (professores, supervisores, orientadores, família, psicólogos, entre outros) procurem ser bons leitores.

A leitura deve ser privilégio de todos. Sendo os textos uma fonte infinita de idéias e conhecimentos, deve-se ler muito e constantemente. Todos precisam ler sempre e continuamente. Este direito não pode ser exercido apenas por uma minoria, mas sim pela totalidade. Nesse sentido, o autor Silva (1991), sobre a importância do ato de ler, afirma que:

Para isso é necessário olhar atentamente para a realidade social brasileira – a nossa realidade – a fim de observar as suas contradições e a produção histórica das injustiças. Verificamos,

através desse olhar atento, que a grande massa da população não tem acesso ao mundo da escrita e muito menos à literatura. Aquilo que deveria ser direito de todos se coloca como privilégio de poucos. A ação dos professores e dos bibliotecários não pode desprezar esse dado, pois é esse dado que estabelece o teor político do nosso trabalho. (SILVA, 1991, p. 30-31).

Desse modo, nas escolas, todas as áreas do conhecimento dependem da capacidade de ler do educando. Nas universidades e nas faculdades exige-se ainda mais que os alunos consultem as diversas fontes e veículos de informação. Quem não souber ler com rapidez, facilidade e precisão está fadado ao insucesso, os estudantes que não lêem com compreensão global, com competência enfrentam uma série de obstáculos.

Atualmente, o conhecimento disponível a respeito do processo de leitura mostra que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação, porém, é necessário propiciar aos alunos diversas oportunidades de aprender a ler, utilizando procedimentos que bons leitores utilizam, tais como as estratégias de leitura, entre elas: seleção, inferência, antecipação, verificação ou checagem (KLEIMAN, 1993).

É profícuo acrescentar aqui o que a autora Vasconcelos (2005, p. 40), em relação à forma como se deve proceder a fim de efetivar a competência leitora no indivíduo, afirma que:

Essa forma de preparar o aluno para o uso eficaz da leitura em situações extra-escolares muito se aproxima do conceito de 'letramento', palavra usada em português para traduzir o termo *literacy*, que designa o 'estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever' (SOARES, 2003, p.18). O aprendizado da leitura e escrita deveria, portanto, garantir ao indivíduo condições de participar efetivamente de eventos sociais e culturais, demonstrando o domínio da 'tecnologia' do ler e escrever, para alcançar objetivos específicos (KLEIMAN, 1995, p. 19). Apropriar-se da escrita implica estar apto a envolver-se em práticas de leitura e escrita, nas diferentes instâncias sociais de maneira competente. De fato, essa competência linguística deve ser aprimorada na escola, já que a ela compete o ensino não apenas sistemático, mas pragmático da língua, no sentido bakhtiniano.

A autora supracitada, em sua pesquisa sobre a prática de leitura, constatou que os professores abordam o texto e a leitura numa perspectiva conteudista ao tomar a língua como um código fechado, do qual o aluno precisa se apropriar para usá-lo quando houver oportunidade ou necessidade. Nessa perspectiva, o enfoque é dado ao domínio do código linguístico e neste caso não existe preocupação em se desenvolver a habilidade de leitura. É devido a isso que alguns professores pensam que ler em sala de aula é perda de tempo. Nessa pesquisa, esse fato está bem evidente, uma vez que os professores afirmam que ler é importante, que não é perda de tempo, porém, na prática educativa foi constatado que eles não fomentam a leitura nem propiciam um ambiente favorável para se desenvolver o gosto e hábito pela leitura.

Nesse sentido, a partir da hipótese de que a falta de leitura propiciada pelos professores, das diferentes áreas do conhecimento, aos alunos deve-se ao fato de eles pensarem que ler em sala de aula é perda de tempo. Percebeu-se, ao confrontar as respostas dos educandos com as dos educadores, que há uma enorme lacuna a ser preenchida num processo coletivo de construção de conhecimento do indivíduo, por meio da leitura. Logo, o que falta, talvez, para os alunos é que os professores façam a transposição da teoria para a prática, associando uma a outra, transformando-as, dessa maneira, em ações concretas e eficientes em sala de aula, possibilitando, assim, aos alunos, vivenciarem a leitura nas três dimensões: o dever de ler, a necessidade de ler e o prazer de ler, formando, de fato, leitores competentes que possam usar essa poderosa ferramenta essencial para a construção do conhecimento do indivíduo e, dessa maneira, exercer dignamente sua cidadania.

CONCEPÇÃO DE LEITURA

Notou-se que, por meio das respostas dadas à questão aberta sobre o que é ler, os alunos pouco sabem sobre a concepção de leitura que resume-se, para a maioria deles, em: “ler um livro ou uma revista; ler texto, gibi, viajar na mente”, outros escreveram que ler é: “uma forma de aprendizagem; de conhecimento”, portanto, os alunos chamam de leitura o que, na verdade, é o suporte (livro, revista, gibi) ou o que

a leitura possibilita. Mesmo assim, constatou-se que eles lêem com frequência, principalmente, em casa. Não foi possível constatar nessa pesquisa se tal fato tem referência com o trabalho desenvolvido pelos professores, ou pela família, uma vez que não há nenhum indicativo sobre esse fato.

Quanto à concepção de leitura, as respostas dos professores foram claras, consistentes, entre elas: “É uma prática de leitura de palavras, no caso é um exercício, uma forma de conhecer e adquirir conhecimento; é tomar conhecimento de outras culturas e mesmo da nossa também, é relacionar os vários assuntos que nos interessam; forma de aprendizagem e formação de opinião, conhecimento, informação, diversão e descontração”. E isto é ótimo, porque é exatamente neste ponto que reside a solução para a problemática da leitura em sala de aula ou até mesmo a falta dela. Porém, há um questionamento que merece destaque: por que os professores pesquisados não articulam a teoria com a prática? Desse modo, a prática de leitura que a maioria desses professores mantém precisa ser revista, pois não está proporcionando um trabalho efetivo de leitura. É preciso que a instituição educacional cumpra com seu papel social, o de contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes. É profícuo evidenciar o que está em Brasil (1998, p. 69-70), a respeito da leitura:

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que se sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

Nesse sentido, é importante registrar que, apesar de a leitura ser exigida em todas as disciplinas curriculares como meio para a aquisição do conhecimento e de novas experiências, o ensino da leitura e a formação do indivíduo leitor são vistos como uma responsabilidade somente do professor de Língua Portuguesa.

Dessa maneira, atualmente, o conhecimento disponível a respeito do processo de leitura mostra que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação, porém, é necessário propiciar aos aprendizes diversas oportunidades de aprender a ler, utilizando procedimentos que bons leitores utilizam, tais como as estratégias de leitura. Assim, observa-se que a leitura faz parte da prática social, constantemente. Dessa forma, a autora Kleiman (1993, p.10), afirma que:

Quanto à concepção de leitura... consideramos esta uma prática social que remete a outros textos e outras leituras em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa socialização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

Sendo assim, é preciso salientar as concepções que os indivíduos têm em relação à leitura. A prática dos educadores mostra com grande evidência o predomínio da concepção de leitura como decodificação, daí implicando alguns aspectos importantes em sua atuação, tais como a busca incansável da fluência e ritmo na leitura oral e o domínio do vocabulário do texto.

Percebe-se que na maioria das atividades com textos, estes são pronunciados pelos educandos e interpretados pelos educadores, os quais se sentem as vozes autorizadas, os detentores do saber, mesmo não o sendo ou o tendo. Desse modo, o texto apresenta um único significado, negando ao aprendiz a possibilidade de múltiplas interações entre leitor e o texto e múltiplas interpretações.

A autora Vasconcelos (2005), afirma que os professores, às vezes, não consideram os conhecimentos prévios dos educandos nem é dada a eles a oportunidade de se expressarem, de utilizar variadas estratégias de leitura em conformidade com o objetivo da leitura do texto em estudo.

Ler com proficiência é atribuir sentido ao texto e não extrair um significado e este não está tal qual no texto para que baste extraí-lo. A elaboração de um sentido resulta de uma singular contribuição na relação do autor com o leitor, na qual o primeiro antecipa a atuação do segundo e dissemina indícios que precisam ser interpretados para que possam adquirir sentido.

Diante disso, a autora supracitada constatou que a concepção de leitura do professor influencia e reflete no ato de ler do aluno, pois ele passa a vivenciar a leitura conforme o professor lhe possibilite. Ao educando, não se oportuniza a iniciativa de levá-lo a atribuir sentido ao texto em conformidade com sua vivência de mundo, seu conhecimento prévio.

Desse modo, o indivíduo leitor e leitura não existem isoladamente. Antes, portanto, constituem-se mutuamente nesse ato de produção. E se tal leitor é sempre parte de um grupo social, ninguém vive isoladamente sem pertencer a um determinado grupo. Ele certamente levará ou deixará para esse grupo elementos de sua leitura, da mesma forma que, para a leitura, trará aquelas vivências advindas do social, seu conhecimento prévio, trará para o texto sua experiência prévia de vida e também suas visões individuais de mundo.

Dessa forma, leitor e leitura se constituem, pois, como elementos vitais desse jogo de interlocução contínua, a alargar indefinidamente as possibilidades de atribuição de sentidos. Ler é uma das manifestações do uso produtivo e criativo da língua. Ler não deve ser uma atividade passiva. Analisando esta afirmação, o educador precisa atentar para sua especificidade, valorizando a importância e possibilidade para a construção do conhecimento do indivíduo. Na leitura, o texto está dado, mas não os seus sentidos; nele, estão apenas os elementos explícitos que o aluno vai decodificar, atribuindo, pela leitura, sentidos e significados.

Sendo assim, o indivíduo leitor preencherá o texto com sentidos que expressem as circunstâncias sócio-históricas e pessoais de seu tempo e de seu entorno, a partir de um determinado contexto social, numa contínua interação entre leitor e o texto a ser lido. Há, também, elementos implícitos que dependem do indivíduo, das referências, das pistas pinçadas no texto lido e que perpassam sua vivência, seu conhecimento prévio, o lugar social que ocupa, ligado à experiência individual e à relação que ele, enquanto leitor, estabelece com o outro e com o mundo, porque como Geraldi (1991, p. 166) afirma a seguir:

[...] o produto do trabalho de produção se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama

toma as pontas dos fios do bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas – se o fossem, a leitura seria reconhecimentos de sentidos e não de produções de sentidos; não são mãos livres que produzem o seu bordado apenas com os fios que trazem nas veias de sua história – se o fossem, a leitura seria um outro bordado que se sobrepõe ao bordado que se lê, ocultando-o, apagando-o, substituindo-o – são mãos carregadas de fios, que retomam e tomam os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecitura do mesmo e outro bordado.

Ao analisar o exposto acima, pode-se perceber que não existe compreensão sem decodificação. Ambas são necessárias e devem ser analisadas numa perspectiva dialética. A leitura, dessa forma, é um processo no qual o leitor realiza uma atividade de construção do significado do texto, a partir das estratégias que utiliza, dos seus objetivos, do seu conhecimento prévio sobre o tema, sobre a autoria, sobre o suporte, de tudo que se sabe sobre a língua: gênero textual e seus elementos constitutivos, linguagem, interlocutores, finalidade, etc. Trata-se de uma situação na qual é preciso que o aluno ponha em jogo tudo o que sabe para descobrir o que ainda não se sabe.

GOSTO E HÁBITO PELA LEITURA

Ao observar as respostas sobre o gosto e hábito pela leitura, a maioria dos alunos e dos professores escreveu que tem o hábito da leitura e que gosta por vários motivos, entre eles porque para os alunos “aumenta a inteligência, é divertido, possibilita uma viagem imaginária, desenvolve e fortalece o conhecimento e a inteligência”, entre outros e, para os professores, “faz escrever melhor, entender fatos e acontecimentos do mundo; manter-se informado; ampliar conhecimentos” entre outros.

Com isso, foi possível identificar que esses alunos lêem, por conta própria, sem que seja uma exigência da escola e isso, por um lado, é muito bom; por outro lado, se orientados, ficarão ainda melhores, excelentes, uma vez que assim, tanto os professores como os alunos poderão utilizar-se de todas as vantagens de um sujeito leitor, pois a leitura, segundo muitos teóricos, possibilita ao homem usufruir dos

bens culturais e expandir, além de construir, seus conhecimentos. Sendo que o livro, o gibi, a revista, (são o que eles lêem) são hoje os meios práticos e confiáveis de veiculação da ciência e da cultura, devido a sua disponibilidade, variedade, o número de registros escritos e, ainda, porque o ecletismo de toda essa produção escrita permite ao indivíduo uma participação mais ativa e crítica na construção dos conhecimentos. Assim, os alunos da escola pesquisada estão quase prontos, estão no processo para serem leitores autônomos. Basta, portanto, que os professores associem a teoria à prática.

Nesse sentido, um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de diferentes gêneros textuais, a partir de um trabalho que se deve organizar em torno da diversidade de textos que circulam socialmente. Por isso, o professor, além de associar a teoria à prática, precisa ser valorizado e equipado para ter condições de desenvolver a habilidade de leitura e formar leitores competentes, capazes de, no mínimo, ler com compreensão global diferentes gêneros de textos. Assim, Freire (1983, p. 38), salienta que:

[...], a biblioteca popular, como centro cultural e não como um depósito silencioso de livros, é vista como um fator fundamental para o aperfeiçoamento e a intensificação de uma forma correta de ler o texto em relação ao contexto. Daí a necessidade que tem uma biblioteca popular centrada nesta linha de estimular a criação de horas de trabalho em grupo, em que se façam verdadeiros seminários de leitura, ora buscando o adiestramento crítico do texto, procurando apreender a sua significação mais profunda, ora propondo aos leitores uma experiência estética, de que a linguagem popular é intensamente rica.

Desse modo, ser leitor não é uma questão de opção, porém, de oportunidade. Atualmente, a maioria dos indivíduos tem mais acesso à palavra escrita do que antigamente, seja por meio da escola ou dos produtos de consumo e dos meios de comunicação. Até na televisão, essencialmente imagem, a palavra escrita está presente, em anúncios, listas de créditos, títulos de programas.

Nesse sentido, a leitura só será uma prática constante se os professores assumirem, como sujeitos ativos, o desafio da prática do dia-a-dia das salas de aula, dos livros, das situações de leitura. Mais

especificamente, quando encararem o desafio de ensinar a ler e a compreender o que lêem. Percebe-se que as aulas da maioria dos professores não estão, em muitos casos, contribuindo para a formação de leitores críticos e capazes de interagir com ou na sociedade de maneira autônoma, posicionando-se criticamente perante ela. Convém que os professores conscientizem-se de que são peças fundamentais na formação de leitores competentes. Sobre o poder conscientizador do processo de leitura, o autor Silva (1991, p.19), afirma que:

“Consciência” é um atributo estritamente humano, que possibilita ao homem descobrir e alargar as suas representações do mundo. Esse atributo ainda permite que o homem estabeleça relações entre a parte e o todo, entre o particular e o universal, entre a causa e a consequência, etc... E mais do que isso é a consciência que permite ao homem distanciar-se (ou colocar entre parênteses) o conteúdo de suas experiências e de suas representações a fim de proceder à análise e à transformação desse conteúdo. Conseqüentemente, o processo de conscientização, na íntegra do seu movimento, faz com que o homem dialeticamente direcione-se para determinados fatos e relações contidas na realidade circundante e tome distância desses fatos e relações a fim de refleti-los, questioná-los e, se necessário, transformá-los.

Percebe-se que é necessário, portanto, que o professor goste e tenha o hábito da prática da leitura, além de acreditar na sua importância e possibilidades. O professor é peça fundamental no processo de desenvolvimento da habilidade de leitura, pois é ele quem está em contato com o aluno, que lida com ele, quem, em princípio, quem melhor o conhece. Sendo assim, o desenvolvimento da habilidade de leitura está diretamente relacionada com o meio em que o indivíduo está inserido, as condições em que vive, a concepção que eles e os que estão ao seu redor têm em relação à leitura, bem como sua importância e possibilidade para a construção do conhecimento do indivíduo.

Desse modo, o autor Silva (1991) enfatiza que é necessário que os educadores ajudem os alunos a descobrir o prazer de ler e a adquirir hábito de leitura, criando oportunidades para que a leitura aconteça e se efetive. Os objetivos devem estar voltados para a formação do

indivíduo enquanto cidadão crítico e atuante e participante da sociedade na qual está inserido. Todavia, antes de empregar qualquer metodologia, traçar objetivos, deve-se, em primeiro lugar, adquirir o hábito de ler e de ser bons leitores.

Para o autor supracitado é preciso seduzir quanto ao gosto pela leitura e aos benefícios que ela proporciona, por meio do discurso, do olhar, do dizer sincero. É impossível desenvolver uma habilidade, criar um hábito antes de vivenciar a tudo. De nada vale um trabalho de leitura que não seja capaz de transportar o educando para além das paredes e dos muros escolares. Sendo assim, é responsabilidade das instituições educacionais, por meio de professores, criarem condições que favoreçam e possibilitem a efetivação da leitura significativa e não utilizarem práticas que afastem o aprendiz do hábito e gosto pela leitura.

No que se refere à hipótese de que a pouca leitura dos alunos é devido à falta de motivação e hábito de leitura, foi possível identificar, com base nas informações obtidas a partir das respostas dadas aos questionários aplicados, que a leitura não está sendo trabalhada de maneira eficaz para que se formem leitores competentes e sim para atender exigências do próprio professor. Tudo leva a constatar que o papel da leitura na sala de aula se restringe a suporte para resolução de exercícios. De acordo com os dados levantados pelo questionário, verificou-se, portanto, que é necessário rever o fazer pedagógico, associando a teoria à prática.

ESCREVER LIVREMENTE SOBRE LEITURA

A fim de verificar a proficiência em leitura, solicitou-se que alunos e professores acrescentassem, livremente, algo sobre leitura e que justificassem tal resposta. A maioria, 90%, dos alunos afirmou que recomendaria para outras pessoas, pois para eles a leitura é importante, só traz benefícios e está relacionada a sensações boas e ótimas. Dessa forma, conclui-se que a leitura é excelente, pois a dinamização do mundo cultural, segundo alguns autores, é promovida pelas relações humanas. E, a escrita, que é o registro de experiências vivenciadas, funciona como mediadora dessa relação e no processo de aprender a ler ou de ler para aprender, o indivíduo está exercitando a sua capa-

cidade de conhecer e compreender as realizações humanas por meio da leitura do que está escrito.

Finalmente, os professores na questão que se refere ao acréscimo de algo relacionado à leitura foram, por um lado, surpreendentes e por outro, decepcionantes, porque escreveram lindas frases, aconselharam que todos lessem. Eis algumas das respostas escritas no questionário: “A escola poderia trabalhar a leitura de forma prazerosa”; “A leitura é um processo que pode transformar o indivíduo visto que transforma sua mente”; “deve-se cada vez mais mostrar aos jovens e adolescentes a importância da leitura, isso deve ocorrer nas escolas”; “Todos devemos ler. Qualquer tipo de leitura, mas que tenha prazer”; “Ler é viver, é vida e ninguém que realmente saiba viver, vive sem saber o que realmente é a leitura.” Aqui transpareceu que é como se os professores não estivessem inseridos nesse contexto, e que não tivessem a possibilidade de colocar em prática todas as teorias que têm em relação à leitura, comprovando, assim, que, para eles, a prática está desvinculada da teoria, quando o ideal é que elas sejam indissociáveis.

Uma vez mais vêm os questionamentos: Por que falar e não fazer? Por que não colocar em prática a teoria? Por que não se faz o que se prega? Por enquanto não há respostas plausíveis.

Dessa forma, para o autor Silva (1991) faz-se necessário refletir sobre o fazer pedagógico, sobre as condições reais dos educadores para desenvolver a habilidade de leitura nos educandos. Os profissionais da educação lutam por melhores condições financeiras e melhores condições de ensino, o que pode resultar numa transformação no ensino da leitura e também apontar para a possibilidade de inúmeras reflexões que visem mudanças tanto no que se refere aos instrumentos e materiais literários como na maneira a ser efetivada a leitura.

A leitura só será uma prática constante se os professores assumirem, como sujeitos ativos, o desafio da prática do dia-a-dia das salas de aula, dos livros, das situações de leitura. Mais especificamente, quando encararem o desafio de ensinar a ler e a compreender o que leem.

Percebe-se que as aulas da maioria dos professores não estão, em muitos casos, contribuindo para a formação de leitores críticos e capazes de interagir com ou na sociedade de maneira autônoma, posicionando criticamente perante ela.

O leitor competente deve ser capaz de se perceber como agente transformador do meio no qual está inserido, com confiança em suas capacidades de inter-relação pessoal e intrapessoal conhecendo-se e se valorizando, além de saber questionar a realidade por meio do pensamento lógico e da análise crítica, da criatividade e da intuição.

De acordo com a autora Kleiman (1993), o maior problema das escolas em relação à leitura é que grande parte dos professores não tem paixão pela leitura, logo não conseguem despertar em seus alunos o gosto pela leitura. Ninguém fará o que não gosta, por ser difícil ou não aprendeu e, portanto, não é significativo.

Nessa perspectiva, é necessário que o professor goste e tenha o hábito da prática da leitura, além de acreditar na sua importância e possibilidades. No caso dos professores pesquisados, eles precisam articular a teoria à prática. O professor é peça fundamental no processo de desenvolvimento da habilidade de leitura, pois é ele quem está em contato com o aluno, quem lida com ele e quem, em princípio, melhor o conhece.

Nesse sentido, Vasconcelos (2005), acredita que se faz necessário que os professores de Língua Portuguesa reflitam sobre os seus fazeres pedagógicos e mudem sua maneira de trabalhar com a leitura tanto dentro como fora da escola. O texto não deve ser usado somente como pretexto para estudarem os fenômenos metalinguísticos descontextualizados, desmontando, e analisando frase a frase do ponto de vista morfológico, semântico e sintático.

Sendo assim, ler com proficiência é atribuir sentido ao texto e não extrair um significado e este não está tal qual no texto para que baste extraí-lo. A elaboração de um sentido resulta de uma singular contribuição na relação do autor com o leitor, na qual o primeiro antecipa a atuação do segundo e dissemina indícios que precisam ser interpretados para que possam adquirir sentido.

A autora Vasconcelos (2005) constatou que a concepção de leitura do professor influencia e reflete no ato de ler do aluno, pois ele passa a vivenciar a leitura conforme o professor lhe possibilite. Não se oportuniza ao educando iniciativa de levá-lo a atribuir sentido ao texto em conformidade com sua vivência de mundo, seu conhecimento prévio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Formar leitores competentes é algo que requer condições favoráveis para a prática de leitura que não se restringe apenas aos recursos materiais disponíveis, uma vez que o uso que se faz dos livros e demais materiais impressos e como eles são conduzidos são os aspectos determinantes para o desenvolvimento da habilidade de leitura. Para isso, os educadores devem criar condições que favoreçam o encaminhamento da leitura com os seus educandos, bem como a conquista de artifícios para que a leitura seja prazerosa.

Nesse sentido, um dos grandes problemas da educação brasileira é que inúmeros alunos chegam à vida adulta sem desenvolver satisfatoriamente as habilidades básicas para ler nas três dimensões que são: o dever, a necessidade e o prazer de ler. Logo, é preciso refletir sobre questões conceituais e práticas que auxiliem a esclarecer o que se pode fazer a fim de criar mecanismos e estratégias com a finalidade de transformar os alunos em leitores assíduos e competentes, lembrando sempre de que o professor precisa ter paixão pela leitura e que aprecie verdadeiramente a literatura. Dessa forma, poderá seduzir seus alunos no que se refere à leitura, associando a teoria à prática.

É de suma importância que o trabalho com a leitura seja contínuo, para que a leitura passe efetivamente a fazer parte da vida do indivíduo, como uma fonte infinita de conhecimentos e de deleite. Quem lê regularmente tem uma vida muito mais ativa e bem-sucedida do que aqueles que preferem passar o tempo livre vendo televisão ou dedicando-se a outras atividades que não exigem raciocínio. Para os primeiros, a vida é uma sucessão de novas experiências e de ampliação dos horizontes. Porém, para quem se enquadra no segundo caso, a

maturidade torna-se um processo de atrofia mental. A informação, a cada dia, está cada vez mais ao alcance do indivíduo, mas a sabedoria, que é o tipo mais precioso de conhecimento, só pode ser encontrada nos grandes autores da literatura. Esse é o motivo pelo qual todos deveriam ler.

Dessa maneira, no trabalho desenvolvido com alunos deve-se ter o cuidado no que se refere ao desenvolvimento da habilidade leitora, usando as estratégias que valorizem cada oportunidade ou possibilidade de crescimento, de fortalecimento da referida habilidade. A cada etapa, pode incluir novas propostas, de acordo com as necessidades, dificuldades e possibilidades, resgatando outras maneiras de trabalhar a leitura e não ler só em função de exercícios mecânicos, descontextualizados.

Sendo assim, a magia que envolve todo o trabalho do contato com os diferentes gêneros textuais é algo tão profundo, sublime e tantas vezes indescritível, que somente se conhece quando se vivencia esta experiência. Portanto, é preciso fazer desse ato um momento que marque para sempre a vida do leitor, do futuro leitor, porque os elos estabelecidos por essa experiência são caminhos para a construção do processo de desenvolvimento da habilidade de leitura e, conseqüentemente, para a construção do conhecimento do indivíduo.

Dessa forma, é fundamental que a escola, enquanto instituição responsável por desenvolver diferentes habilidades, amplie os seus objetivos e procure ir além das tradicionais rotinas de ensino e aprendizagem, propondo atividades de leitura, por exemplo, que tanto fora do ambiente escolar como dentro, o aluno tenha oportunidade de praticá-la.

A maioria das pessoas não lê. De quem é a culpa? Há quem culpe as escolas privadas e públicas que não conseguem conduzir os educandos a experimentar tanto o prazer de ler como ter o hábito da leitura. Os educadores, por sua vez, culpam a família da geração atual que não tem o hábito de ler para os filhos, como alguns faziam outrora. Existe ainda o lastimável fato de um enorme número de estabelecimento de ensino não terem biblioteca adequada. E há, também, as escolas que apesar de valorizarem a leitura, carecem de metodologias adequadas, as quais favorecem o trabalho deste aspecto da subjetividade

humana. Às vezes, alguns educadores, tendem ao descompromisso com o desenvolvimento da habilidade de leitura para além dos livros didáticos ou dos livros obrigatórios por falta das políticas educacionais do governo. Medidas simples, todavia urgentes, mesmo locais, podem ser tomadas para sanar essa falha na formação dos educadores, uma vez que a leitura é a chance que a vida oferece ao indivíduo para que ele cresça intelectualmente. Sem ela, o homem é como um carneiro que segue o rebanho.

Nesse sentido, há inúmeras questões que interferem no processo de desenvolvimento da leitura que foram pontuadas no decorrer desse trabalho; todavia, o motivo principal pelo qual o aprendiz não gosta de ler, talvez, porque ele não adquiriu o gosto e hábito pela leitura uma vez que tais habilidades nunca foram trabalhadas nele ou com ele.

Assim, existem muitas práticas, em sala de aula, que matam os prováveis futuros leitores, pois, em vez de incentivar o gosto e hábito pela leitura, fazem atividades mecânicas desinteressantes, que não aguçam a criatividade nem desenvolvem a habilidade de leitura. As atividades como, por exemplo, as de leitura como decodificação em que os alunos devem localizar tão simplesmente informações explícitas em textos, sem que haja preocupação com a compreensão global do texto; outra é a leitura como avaliação em que a preocupação é aferir a capacidade de leitura sem querer desenvolver os hábitos típicos do leitor proficiente; outra, ainda, é a integração numa concepção autoritária de leitura (VASCONCELOS, 2005).

Nessa perspectiva, uma prática constante de leitura em sala de aula precisa admitir variadas leituras, uma vez que outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado constrói-se pelo esforço de interpretação do indivíduo leitor, a partir não só do que está expressamente escrito, porém, do conhecimento que traz para o texto. É fundamental oferecer múltiplas possibilidades de leitura ao indivíduo, pois aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós mesmos, o que, bem ou mal, faz-se sem ser ensinado.

Dessa maneira, é necessário respeitar a criatividade do educando sem exigir dele respostas uniformes e únicas, como se um texto tivesse somente uma leitura. No entanto, é preciso salientar que tanto o leitor como o texto delimitam o leque de possibilidades de interpretação que pode ser negociada entre leitor e texto. Isso significa que o sentido não está no texto e nem exclusivamente na mente do leitor, ao contrário, o sentido é construído no espaço entre esses dois pólos, na interação entre texto e leitor.

De um lado é preciso respeitar as diversidades regionais, culturais, políticas existentes num país e, de outro, considerar a necessidade de construir referências nacionais comuns ao processo educativo. Com isso, por meio da leitura, cria-se condição, nas escolas, que permitam aos alunos ter acesso ao conjunto de conhecimentos socialmente elaborados e reconhecidos como necessários ao exercício da cidadania.

A leitura possibilita ao indivíduo uma experiência inigualável em que razão e emoção misturam-se no prazer estético. É imprescindível que, no processo educacional, sejam utilizados vários textos de diversos gêneros, tanto como fonte de prazer e alegria, quanto como fonte de conhecimento, informação e, também, como pretexto para consolidar a habilidade de leitura dos alunos. Dessa forma, o hábito da leitura é o caminho barato que ajuda o ser humano a melhorar em todos os sentidos uma vez que desenvolve o conhecimento em geral, dá subsídios para refletir sobre o mundo e a condição humana.

Finalizando, constatou-se que, após a análise dos dados obtidos nas respostas dadas às questões abertas e fechadas do questionário aplicado, tanto os alunos quanto os professores consideram a leitura importante para a construção do conhecimento do indivíduo. No entanto, percebem-se contradições nas afirmações e na prática educativa dos professores, pois, embora tenham afirmado que a leitura é importante, não fomentam nem favorecem o hábito pela leitura. Os professores, também, não propiciam ambientes adequados a fim de vivenciar a leitura nas três dimensões já citadas no decorrer desse trabalho. Tudo leva a constatar que o papel da leitura na escola pes-

quisada restringe-se a ser suporte para a resolução de exercícios mecânicos, estanques. Tendo em vista a importância do ato de ler para a emancipação do indivíduo, é fundamental que os professores, de todas as áreas do conhecimento, tenham consciência de que para que consigam alunos com proficiência em leitura precisam desenvolver essa habilidade por meio de uma prática constante, que visa à formação de um leitor competente.

Há, nesta pesquisa, uma base conceitual fundamentada em diferentes autores que servirá para as pessoas usarem como objeto de estudo a fim de reformular, (re)significar, adaptar, ampliar as questões referentes à leitura.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1985.

GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1999.

KLEIMAN, A. B. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas, SP: Pontes, 1993.

SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura na escola e na biblioteca*. 3. ed. Campina, SP: Papirus, 1991.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Trad. Cláudia Schilling. 6. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

VASCONCELOS, Gláucia Lima. *Práticas de leitura em sala de aula*. Campo Grande: UCDB, 2005. (Coleção Teses e Dissertações em Educação, v. 5).